

A ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS E OS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS ÁRABES NAS LÍNGUAS NÃO ÁRABES DO SENEGAL

Djiby Mane (UnB)

Resumo: A história medieval da África Ocidental é marcada pelo grande evento que é a sua islamização. O islã penetrou na África negra na Idade Média graças aos comerciantes e marabus itinerantes. Com a chegada do Islã em solo africano, o contato entre o árabe (superestrato) e as línguas de muçulmanos não árabes (substratos) tem produzido uma série de empréstimos linguísticos. Como resultado desse contato entre os diferentes povos com suas respectivas línguas algumas palavras são muitas vezes adotadas por sua utilidade, sua ausência em uma determinada língua, por modismo ou por influência de uma sobre a outra como, por exemplo, a expressão “*as-salamu alaikum*” usada como saudação no Senegal. Há lições que podemos tirar dessa relação entre o árabe, língua supercentral, em torno da qual gravitam outras línguas de muçulmanos não árabes do Senegal (wolof, peul, toucouleur, serer, mandinga, diola, balanta, manjaco, bambara). A análise mostrou que os empréstimos do árabe afetam mais o campo lexical da religiosidade e que esses empréstimos estão tão incorporados no cotidiano dos senegaleses que as pessoas não suspeitam de sua origem estrangeira.

Palavras-chave: Contato de línguas; empréstimo; islã; línguas do Senegal.

Abstract: The medieval history of West Africa is marked by the big event of Islamization. Islam came to the region in the Middle Ages, thanks to itinerant merchants and marabouts. Its arrival entailed contact between the Arab (superstrate) and the languages of non-Arab Muslims (substrates), giving place to several loan-words. Words are often adopted because of their usefulness as well as of their lack in a specific a language as, for example, the expression “*as-salamu alaikum*” used as a greeting form in Senegal. There are lessons we can learn from this relation between the super-central language Arab, around which some languages revolve, from non-Arab Muslims in Senegal, as is the case with Wolof, Fulani, Toucouleur, Serer, Mandingo, Diola, Balanta, Manjaco, and Bambara. The present investigation shows that the Arabic loans affect more the lexical field of religiosity. The loan-words are so embedded in the daily lives of the Senegalese people that they do not suspect their foreign origin.

Key-words: Language contact; borrowing; Islam; languages of Senegal.

1. Introdução

Em um mundo globalizado, marcado pelo contato constante entre as pessoas, não é de se estranhar a presença de palavras de uma língua em outra. Essas palavras são muitas vezes adotadas por sua utilidade como, por exemplo, o aportuguesamento de termos como *barman*, *futebol*, *hot dog etc.*, no Brasil. Mesmo tendo suas equivalências na língua, essas palavras são incorporadas por fatores sócio-históricos, econômicos e políticos, com algumas alterações fonológicas, morfológicas e raramente semânticas.

Em países muçulmanos não árabes, usam-se expressões como ‘Allah’, ‘Incha Allah’, mesmo existindo equivalências nas línguas locais. Essa situação resultou em um “casamento cultural” entre o árabe e as línguas locais com a influência do árabe nas línguas senegalesas, ocorrendo uma adaptação fonética, fonológica e morfológica.

Assim, o objetivo deste estudo é fazer uma descrição linguística de processos da influência do Islã e da língua árabe na paisagem lexical de muçulmanos não árabes no Senegal por meio da análise de alguns empréstimos lexicais árabes. Mesmo não sendo o árabe língua materna da maioria dos senegaleses, eles estão fortemente ligados ao Islã e, conseqüentemente, à língua árabe.

Os dados que compõem o *corpus* deste trabalho foram coletados junto ao corpo diplomático do Senegal em Brasília. A pesquisa foi feita por meio de coleta de dados, contando com a colaboração de todos eles, de um total de quinze pessoas, todas senegalesas das diferentes regiões do país. Essa diversidade regional foi importante para verificar se o uso de palavras árabes no dia a dia dos senegaleses é uma questão regional ou religiosa. Das quinze pessoas, apenas quatro são católicas e, mesmo não recorrendo ou recorrendo pouco a expressões árabes, compreendiam todas as inovações lexicais.

O momento mais importante da coleta foi quando as pessoas começaram a jogar *scrabble*¹. Por meio desse jogo, que consiste em formar palavras em francês, foi possível perceber nos comentários o recurso à língua wolof, e até à francesa, com muitas expressões árabes.

Quanto ao referencial teórico, eu me baseio em Couto (2007, 2016) e Haugen (1972) para as concepções de ecolinguística e contato de línguas, e em Calvet (1987) e Loubier (2011), no que diz respeito a concepções de empréstimo linguístico.

¹ *Scrabble* é um jogo de palavras composto por 2, 3 ou 4 pessoas. Ele consiste em formar palavras que se cruzam em um tabuleiro com letras de diferentes valores.

Este artigo se articula em duas partes, além das considerações gerais e finais. A primeira trata do contexto teórico, apresentando algumas teorias que são de fundamental importância para este estudo. Já a segunda parte refere-se à análise de alguns dados para averiguar a presença de léxico árabe no dia a dia e nas interações de senegaleses muçulmanos.

2. Contexto teórico

Para o referencial teórico, convém apresentar alguns conceitos básicos que são de fundamental importância para este tema. Trata-se de ecolinguística, contato de línguas e empréstimos linguísticos, para mostrar como os muçulmanos senegaleses não árabes incorporam palavras árabes em suas interações cotidianas.

A ecolinguística, tradicionalmente conhecida por ecologia da linguagem, é definida por Einar Haugen como sendo o estudo das interações entre uma dada língua e seu meio ambiente². Quanto ao meio ambiente, é, ao mesmo tempo, o produto e a condição desta atividade e, portanto, é a base da sobrevivência da língua enquanto atividade, constituída pelos próprios atos de interação comunicativa. Estes se dão basicamente por meio da linguagem (COUTO, 2007).

Em ecologia, esse meio ambiente é parte de um ecossistema, que é formado por uma associação ou comunidade de seres (ou biocenose) e seu meio ambiente geológico e atmosférico (ou biótopo). Os elementos que constituem um ecossistema desenvolvem uma rede de interdependências que permitem manter o desenvolvimento da vida. Na ecolinguística, o meio ambiente corresponde a um contexto social, natural e mental, no que diz respeito à interação da língua materna de cada falante bilíngue ou multilíngue com o(s) outro(s) código(s) linguístico(s) presente(s) na sua mente. Temos também ambiente social no que diz respeito à interação da língua com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação³.

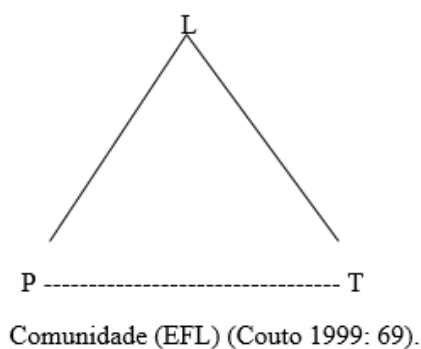
A linguagem não é um fenômeno isolado, mas faz parte de qualquer ser humano e conseqüentemente da sociedade. Ela é o requisito indispensável para o desenvolvimento da pessoa

²Language ecology may be defined as the study of interactions between any given language and its environment (HAUGEN, 1972: 324).

³The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes. Language exists only in the minds of its users, and it only functions in relating these users to one another and to nature, i. e. their social and natural environment. Part of its ecology is therefore psychological: *its interaction with other* languages in the minds of bi- and multilingual speakers. Another part of its ecology is sociological: its interaction with the society in which it functions as a medium of communication. The ecology of a language is determined primarily by the people who learn it, use it, and transmit it to others. (HAUGEN, 1972: 327).

ECO-REBEL

e do grupo social a que pertence. Ela é entendida como um meio de comunicação que permite aos seres humanos expressarem seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções. Já a comunidade, segundo Couto (2007, p. 123), é a entidade maior na qual ocorre a comunicação. Para o autor, não há comunidade sem linguagem (L), assim como não há linguagem sem comunidade (C). Ele acrescenta que a comunidade é um ecossistema entendido como um agrupamento de pessoas, população ou povo (P), que tem um meio de comunicação em comum, a linguagem (L), e que convive em um determinado espaço ou território (T). As inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema (comunidade) são conhecidas pelo nome de ecossistema fundamental da língua, também chamado de Ecologia Fundamental da Língua (EFL), como ilustradas na figura 1:



Existe uma íntima relação entre linguagem e sociedade, isto é, assim como não há sociedade sem linguagem, não há linguagem sem sociedade. A sociedade se caracteriza aqui pelo meio ambiente físico (biocenose e biótopo); já a linguagem é o meio social e abstrato de comunicação entre seres humanos. Ela se concretiza através da língua que é um meio social de comunicação.

A sociedade entendida como a população, povo ou grupo de pessoas (P) é o elemento dinâmico da comunidade (C). No caso presente, ela é constituída por todos os muçulmanos do Senegal. Com relação ao território (T), ele trata do ecossistema, do aspecto geográfico senegalês. Já a língua, no caso o árabe, é o meio de comunicação, não somente em mais de vinte países do mundo que a têm como língua oficial, mas como de todos os muçulmanos do mundo que se servem dela como meio de orações e/ou comunicação. Ela se originou na península arábica e se estende atualmente ao mundo todo, devido à difusão da religião muçulmana e o papel mobilizador do alcorão.

O árabe não é somente a língua do povo árabe, mas tornou-se também língua do islão no mundo inteiro (Ásia, África e Europa). Ele é uma língua semítica falada pelos povos árabes, estendendo-se a povos não árabes. Dessa forma, é bom frisar que nem todo árabe é muçulmano, assim como nem todo muçulmano é árabe, ou fala árabe, mas tem a obrigação de ler o alcorão e recitar as

suratas nas rezas diárias, quer por decoreba quer por ensinamentos recebidos pelos pais desde tenra idade.

Por ser parte do islã, a língua árabe se torna uma obrigação religiosa para todos os muçulmanos. A sua aprendizagem, principalmente pelos muçulmanos não árabes, permite que sejam capazes de entender o alcorão, a *Sunnah* (obrigações) e as palavras de *Salat* (rezas).

3. Ecologia de contato de línguas

A ecologia das línguas, vertente defendida por Calvet, diz respeito “às migrações de populações, provocando contato de povos e respectivas línguas mutuamente ininteligíveis” (COUTO, 2007, p. 281). Para Calvet (1999, p. 17), a abordagem ecolinguística consiste em estudar as relações entre as línguas e seu meio ambiente, isto é, primeiramente as relações entre as línguas em si e depois entre essas línguas e a sociedade. Assim, a ecologia do contato de línguas no contexto senegalês procura entender as relações das línguas senegalesas e seu contato com o árabe e depois o resultado desse contato na sociedade. Em outros termos, procura mostrar o resultado desse contato de línguas no Senegal.

Cunhada por Uriel Weinreich em 1953 no livro *Languages in contact*, a expressão contato de línguas implica o encontro de, pelo menos, dois povos diferentes com suas respectivas línguas em um determinado território, envolvidos em uma situação de interação. Por ser um dos principais objetos de estudo da sociolinguística, o contato de línguas é um fenômeno que se reflete nos comportamentos linguísticos de pessoas por meio de interferências linguísticas, empréstimos e surgimento de novas línguas, como os crioulos.

O contato entre línguas, ou melhor, entre povos, é um fenômeno comum no sentido de que faz parte da história linguística e social da maioria das comunidades linguísticas do mundo, visto que a delimitação política das fronteiras nacionais frequentemente não coincide com a de fronteiras linguísticas (exemplo da Gâmbia, que é um país localizado dentro do Senegal). Além de fatores fronteiriços, a emigração, a colonização ou ocupação de outros países (ou ainda o simples fato de se aprenderem línguas estrangeiras), e até casamentos, conduzem a uma inevitável coabitação linguística.

Na verdade, o que entra em contato diretamente entre si não são línguas (L), mas os povos (P) que as falam ou, mais frequentemente, membros representantes desses povos. Portanto, quando se fala

ECO-REBEL

de contato de línguas, o que se tem é PL₁ (povo e língua 1) que entra em contato com PL₂ (povo e língua 2) em um determinado território (T).

De acordo com Couto (1999), o contato pode ser o mesmo, mas os resultados são sempre diferentes como, por exemplo, o surgimento de novas línguas, mescla linguística e morte de línguas. Um caso que merece especial atenção, por muitas razões, entre as quais a do impacto que o seu estudo teve e tem no desenvolvimento da investigação em linguística, é a da criação de novas línguas. Essas novas línguas – pidgins e crioulos – têm, de fato, sido objeto de estudo com a criação de um novo ramo da linguística, a crioulistica.

O contato do islã com a África negra deu-se na Idade Média por meio de comerciantes e marabus itinerantes que tinham como missão a divulgação e a expansão dessa religião. O islã é uma religião missionária, como pregava o profeta Maomé que, após receber a mensagem do anjo Gabriel, encarregou-se de divulgar essa religião. Essa visão missionária é mantida até hoje por meio do *da'wa* (exortação, incitação, convite), em que muitos muçulmanos deixam suas casas passando semanas e até meses fora para divulgar a fé islâmica. Assim, todos os muçulmanos têm o dever de propagar a verdade e converter os infiéis, como ressaltam os versículos abaixo:

Chame os homens pelo caminho do teu Senhor através da sabedoria e de uma bela exortação; discuta com eles da melhor maneira (ALCORÃO, S.16. V.126).

Diga àqueles aos quais o Livro tenha sido oferecido e aos infiéis: “Estais vós submetidos a Deus?” Caso eles estejam submetidos a Deus, eles estão bem dirigidos; caso eles se desviem, tu estás somente encarregado de transmitir a mensagem profética (ALCORÃO, S.3. V.19).

A presença do islã em algumas partes da África negra, especificamente na zona Sudano-saeliana é antiga. Pelo menos, desde o século XI com o movimento almorávida, o islã ganhou cada vez mais adeptos ao sul do Saara. Durante todo o período que se estende do século XI ao século XVII, através do comércio, os diolas do Império do Mali, pela sua mobilidade e sua organização em redes em toda a África Ocidental, foram grandes propagadores do islã (EL FASI e HRBEK, 2010, p.70). Esse contato da África com o islã levou os muçulmanos da região a incorporar termos árabes como empréstimos em suas interações cotidianas.

O Senegal, assim como a maioria dos países africanos, é caracterizado pela sua diversidade cultural, resultado da presença de vários grupos étnicos em seu solo. A cada grupo étnico

corresponde uma língua, o que caracteriza o multilinguismo do país. Todas as línguas têm *status* diferente, que vai de língua oficial, no caso, o francês, a línguas nacionais, como o wolof, diola, mandinga, serer, fula. Dessas línguas, o wolof constitui a língua franca do país, falada em quase todo o território nacional. Além dessas línguas, vale ressaltar a importante presença do árabe, língua da religião islâmica com quase 90% de adeptos.

Naturalmente, quando línguas coexistem em um território, elas se influenciam mutuamente, o que produz interferências em muitos níveis. Entretanto, neste estudo daremos importância à influência do léxico árabe nas línguas locais do Senegal. Essa influência se deve à expansão do islã ao sul do Saara, adquirindo muitos adeptos na região.

Os casos que se enquadram no contato de línguas são múltiplos. De fato, são produções linguísticas híbridas, que podem ser consideradas tanto no nível coletivo quanto no individual.

4. Empréstimo linguístico

Com o constante contato de povos diferentes com suas respectivas línguas, parece difícil ou impossível comunicar-se sem recorrer a outras línguas por meio de empréstimo de palavras. Assim, encontramos no português, por exemplo, palavras inglesas (*self-service*, *show*, *impeachment*), francesas (*abajur*, *menu*, *ateliê*) e até árabes (almofada, alface, xerife). À expressão “empréstimo linguístico”, Calvet (1987, p.235) prefere “palavras-viajantes”, pelo fato de etimologicamente ela ser aplicada ao dinheiro, visto que todo ato de emprestar implica o devolver. Todavia, as palavras emprestadas nunca são devolvidas. E para piorar, sofrem mudanças de acordo com as línguas. **Mesmo assim, as** “palavras viajantes” nunca deixam apagar seus traços de origem, que são marcas de identidade.

Segundo Loubier (2011, p. 5), as causas do empréstimo estão intimamente ligadas a fatores sócio-históricos, políticos e econômicos. No caso da inovação lexical no contexto senegalês, ela se deve a fatores históricos pelo fato de os árabes muçulmanos, em sua missão expansionista, divulgarem a religião muçulmana na invasão da costa ocidental da África. Para essa autora, o mercado anglófono de bens, serviços e capitais domina atualmente a economia, favorecendo assim o uso generalizado de palavras do inglês, língua hipercentral que se impõe mundialmente. Quanto ao árabe, uma língua supercentral, ele se impõe na África ocidental pela influência do islã.

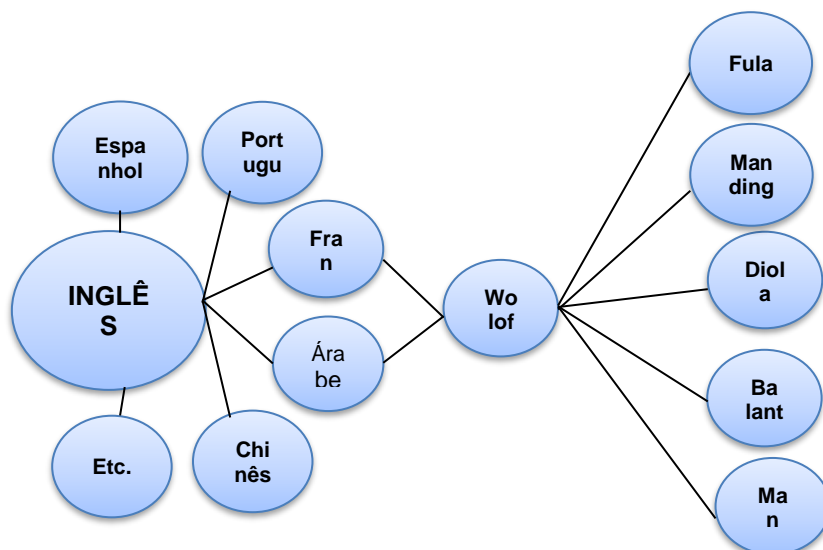
Essa supremacia do inglês sobre as outras línguas, principalmente as supercentrais, manifesta-se pelo uso de nomes híbridos, tais como (*Spanglish* ou *espanenglish*, para o espanhol; *japlish*, para

ECO-REBEL

o japonês; *denglish*, para o alemão; *franglish* ou *Français*, para o francês; e *chinglish* para o chinês (LOUBIER, 2011, p. 6).

De acordo com Loubier (2011, p. 7), as línguas são sistemas de signos intercambiáveis, visto que as palavras são rótulos de designação substituíveis uns pelos outros, sem consequências socioculturais. Assim como o inglês, que é uma língua emprestadora, o árabe fornece muitas expressões religiosas às línguas de muçulmanos não árabes, devido ao islã, que é uma das religiões de mais representatividade no mundo, em especial no Senegal. Por exemplo, não é indiferente o uso de *Allah* (em vez da palavra portuguesa ‘Deus’), *incha Allah* (em vez de ‘se Deus quiser’).

As situações desiguais de coexistência linguística permitem verificar a aplicação de um princípio sociolinguístico fundamental em planificação linguística. É sempre a língua cujo *status* socioeconômico é mais fraco que toma emprestado da língua que goza de grande prestígio socioeconômico. Não é apenas o português, que é fortemente influenciado pelo inglês em sua evolução, mas um grande número de línguas, incluindo o francês, árabe, alemão, japonês, chamadas línguas supercentrais, que sofrem também a influência do inglês. Por sua vez, essas línguas supercentrais constituem fonte de empréstimo para as línguas centrais (wolof) e periféricas (diola, mandinga, balanta, manjaco). Essa relação entre as línguas é representada no Modelo Gravitacional abaixo, proposto por Calvet (*apud* COUTO et al. 2016, p. 362):



Do ponto de vista linguístico, o dinamismo sociolinguístico mundial leva inevitavelmente a uma troca desequilibrada entre sistemas linguísticos. O inglês, por ser uma língua hipercentral em relação às demais, como, por exemplo, espanhol, francês e árabe, é fonte de empréstimo para

muitas línguas do mundo. Ao redor do inglês, gravitam línguas supercentrais (espanhol, português, francês, árabe, chinês), ao redor das quais gravitam outras línguas centrais, no caso o wolof (língua veicular no Senegal), que, por sua vez, são pivô das línguas periféricas (fula, mandinga, diola, balanta, manjaca) (COUTO et al., 2016, p. 361). No que diz respeito ao empréstimo linguístico, a língua hipercentral é sempre fonte de empréstimo para as supercentrais, centrais e periféricas. Por sua vez, as supercentrais são fontes de empréstimo para as centrais e até as periféricas.

5. Empréstimos lexicais árabes nas línguas do Senegal

Vimos que, como resultado do contato de línguas na costa ocidental africana, em especial no Senegal, surgiram inovações lexicais já incorporadas nas línguas locais. Assim, a palavra ‘Alhamdulillah’ que, literalmente, significa “Louvado seja Allah”, foi ouvida repetidas vezes pelas pessoas, principalmente depois do almoço, levando ao entendimento de “obrigado Allah”, para agradecer pela comida. Ela é geralmente usada também após um expediente de trabalho. Além disso, todo arrote, depois de comer, é acompanhado de ‘Alhamdulillah’, para manifestar o sinal de barriga cheia.

Na chegada, assim como na saída, depois da festa, as pessoas proferem a expressão ‘as-salam alaykum’, com suas variações ‘as-salamu alekum’ e ‘salamalekum’ que significa literalmente “Que a paz esteja convosco”. ‘Salama’ ou ‘salam’ é raiz da expressão ‘as-salam alaykum’ e significa ‘paz’. Pode também significar ‘submeter-se’, pois o caminho para alcançar a paz é através da submissão a Allah. Como resposta a essa saudação, as pessoas respondem ‘wa alaykum as-salām’, ‘wa laykum salām’ ou ‘malekum salam’ que significa ‘e sobre vós, a paz’.

‘Bismillah ar-Rahmân ar-Rahîm’ significa ‘em nome de Deus, o ‘Clemente’, o ‘Misericordioso’, que são dois dos nomes de Deus mencionados no alcorão. Essa expressão é sempre proferida antes de iniciar qualquer atividade, como comer, beber, ligar o carro, ter relações sexuais, deitar-se etc. É também proferida para expressar as boas intenções. Dizer sempre ‘Bismillah ar-Rahmân ar-Rahîm’ antes de fazer qualquer coisa é uma forma de estar sempre se recordando de Allah, pois são ações aceitas por Allah (SWT⁴).

‘Bismillah’ é uma fórmula de acolhimento e convite. Por exemplo, quando alguém bate na porta de casa, fala-se ‘bismi illah’, que significa pode entrar, fique à vontade. No jogo de *scrabble*, essa

⁴ Sempre que se profere a palavra ‘Deus’, é recomendado acrescentar “Subhana Wa Talla”, que significa ‘Louvado Seja’.

ECO-REBEL

palavra foi preferida várias vezes para chamar atenção daquele jogador que demorava para formar uma palavra. Nesse caso, ‘bismi illah’ tem sentido de ‘vamos lá’.

A palavra árabe ‘Zakaat’ é encontrada nas formas de ‘asakal’ em fula, ‘saada’ em mandinga e ‘azka’ ou ‘sadaka’; em wolof significa “esmola”, “caridade”. Como um dos cinco pilares do islã, ‘zakaat’ é o imposto que é pago pelos muçulmanos. O dinheiro é pago diretamente para os pobres e não pode ser utilizado para mesquitas, escolas ou qualquer outro fim que não seja alimentar os necessitados.

A religião é baseada em dar e gastar e não devemos ser avarentos e mesquinhos, pois estas são características repreensíveis, cuja presença estraga a alma e escurece o coração. Uma pessoa generosa é aquela que sempre compartilha com os outros o que tem, e pensa nas outras pessoas como pensa em si mesma. Assim, quem dá ‘Zakaat’ terá sua retribuição junto a Allah, como ressaltam os versículos abaixo:

Os que despendem suas riquezas, quer de noite quer de dia, secreta e manifestamente, terão seu prêmio junto de seu Senhor, e nada haverá que temer por eles, e eles não se entristecerão (ALCORÃO, V.2: S.274).

Dai vossas esmolas aos pobres, que impedidos pelo combate, no caminho de Allah, não podem percorrer a terra para ganhar seu sustento. O ignorante supõe-nos ricos, por suas maneiras recatadas. Tu os reconheces por seu semblante; não pedem esmolas aos outros insistentemente. E o que quer que despendais de bom, por certo, Allah é, disso, Onisciente (ALCORÃO, V.2: S.271).

O ‘Zakaat’ é uma obrigação para todo muçulmano sempre ajudar ao próximo. Entretanto não se deve gastar toda a riqueza ajudando aos outros, pois Allah (SWT) abençoa a riqueza. O Islã ensina sempre a ter atitudes nobres e dar bons exemplos, pois tudo que for gasto, voltará multiplicado e Allah aumentará tudo que ele der neste mundo e no outro.

Para se purificar e aproximar-se de Allah, deve-se gastar as riquezas com obras de caridade para diferenciar de ações como Zakat, caridade, doação, ou outra obra. É uma expressão muito comum quando se facilita a vida de alguém diante de uma situação ou quando se ajuda alguém.

A palavra árabe ‘Cheikh’ significa ancião, velho, mestre, sábio, líder religioso. É, entre os muçulmanos, um homem respeitado por causa de sua idade e especialmente o seu conhecimento científico e/ou religioso, ou seja, o conhecimento do alcorão e da sunnah. É uma qualificação respeitável, no espiritual e no temporal na vida mística ou monástica, bem como na vida social,

ECO-REBEL

além de ser um título que os árabes dão a um grande prêmio de preciosas virtudes.

Em wolof, o título de ‘Serigne’ equivale a ‘Cheikh’, isto é, guia espiritual e/ou professor corânico. Ele é usado principalmente por professores corânicos e também líderes religiosos das irmandades Tidjaniyya Mouride etc. Em homenagem a um chefe religioso, muitas pessoas têm o ‘Cheikh’ ou ‘Serigne’ no nome.

Por ser um líder religioso e uma pessoa respeitada, Bugul (1999, p. 9) afirma que um Serigne tem que ter seu ‘daar’ (casa, cidade, lugar), como, por exemplo, ‘Darou Salam’ (Casa de Paz), ‘Darou Rahmane’ (Casa da Clemência), ‘Darou Xudos’ (Casa do Acontecimento) e ‘Darou Miname’ (Casa de Descanso). A palavra ‘daar’, com sentido de casa, deu origem em wolof a ‘daara’, que significa escola corânica. Para Bugul (1999, p. 9), um sérigne tem que ter sua ‘daara’ (escola). A ‘daara’ ou escola corânica/islâmica é um estabelecimento de ensino muito diferente da escola normal. O seu principal objetivo é ensinar o alcorão para incentivar o desenvolvimento espiritual das crianças.

Para caracterizar a relação mestre-aprendiz, usam-se as palavras ‘taalibé’ e ‘ustaas’. Quanto à palavra árabe ‘Taalib’ ou ‘Taaleb’, pronunciada em wolof como ‘talibé’, significa ‘aluno, candidato, pedinte, discípulo, aquele que estuda para obter uma qualificação’. É um empréstimo que é encontrado apenas em wolof como ‘taalibé’ e que significa “estudante” em uma escola corânica. Já ‘ustaaz’ significa um erudito ou um sábio/estudioso em qualquer disciplina, mas nas sociedades muçulmanas essa palavra é reservada ao professor de árabe ou teologia muçulmana. Em outras palavras, “ustaaz” é um graduado em ciências corânicas e religiosas.

No que diz respeito às expressões “Insha Allah” e ‘Maacha‘Allāh’, elas caracterizam respectivamente os tempos futuro e passado. “Insha Allah”, que significa ‘Pela vontade de Deus’ ou ‘Se Deus quiser’ é utilizado toda vez que uma pessoa se refere ao futuro. Por exemplo, Marcelo pergunta a Luciano quando viaja. Luciano responde, ‘no final do ano, ‘insha Allah’. Já ‘Maacha‘Allāh’ significa ‘é a vontade de Deus’ e é usada quando são apresentadas as condolências a alguém que perdeu um parente, com sentido de ‘é a vontade de Deus, Ele dá a vida e dá a morte’. A palavra “al-juma” significa etimologicamente ‘grupo reunido’. Substantivo derivado de jama‘a – reunir. ‘Al’juma’ é o dia em que todos os muçulmanos se reúnem para rezar. Assim, foi denominado o sexto dia da semana (sexta-feira), em virtude da reunião dos homens para a oração do meio-dia. O alcorão sagrado ordena os crentes a se lançarem à oração da sexta-feira, tão logo ouçam seu chamado, deixando de lado os negócios e outras ocupações, além da censura à atitude

ECO-REBEL

dos que se retiram, durante o sermão desse dia, e voltam a seus entretenimentos.

Assim como ‘al-juma’, os demais dias da semana do árabe são praticamente os mesmos na sociedade senegalesa, como mostra a tabela abaixo:

Nº	PORTUGUÊS	ÁRABE	FULA	WOLOF	MANDINGA
1	Segunda-feira	Al i'tnayni	Altiné	Altine	Teening
2	Terça-feira	At tulaataa	Talaata	Talaata	Talata
3	Quarta-feira	Al arbi ^a à'	Alarba	Alarba	Araba
4	Quinta-feira	Al khamis	Alkhamisse	AL ames	Alamsa
5	Sexta-feira	Al jumu ^a a	Al juma	Arjuma	Juma/jumo
6	Sábado	As sabt	Asette	Aseer	Sibiri
7	Domingo	Al 'ahad	Alette	Dibéer	Kari

Como podemos ver, esses empréstimos mantêm a semântica das palavras, sofrendo algumas alterações fonéticas e morfológicas devido às influências das línguas locais. A maioria das línguas parece ter outra fonte de empréstimo para sábado e domingo, que são morfológicamente distantes da origem árabe. As pessoas que não tiveram acesso à escola francesa recorrem mais a esses empréstimos árabes ou usam os dias da semana da língua francesa com algumas adaptações fonéticas e morfológicas.

Na expressão ‘Allahu Akbar’, a palavra ‘Allah’ é encontrada nas formas de ‘ala’ (fula), ‘yalla’ (wolof) e ‘alaa’ (mandinga) com o mesmo significado. Muitas vezes traduzida como ‘Deus é maior’ ou ‘Deus é grande’, “Allahu Akbar” é proferida no início de cada oração para significar a concentração do fiel apenas em Deus. Allah é maior, pois nos deu a graça da religião (islã), Allah é maior e nos abençoou com toda sua benção, Allah é maior, pois tudo pertence a Allah (SWT). Infelizmente ouvimos essa expressão ser proferida até em atos terroristas, ou seja, ela é usada para o bem e para o mal.

A palavra ‘Baraka’, com sentido de benção, encontrada em wolof (baraca), fula (baraca) e mandinga (barco), refere-se a recompensas para benfeitorias das pessoas. É geralmente usada pelos mais velhos para se referir aos mais jovens no intuito de educá-los, como ressalta o trecho abaixo retirado de Bugul (1999, p.57):

Non se intrometa no que não te compete.
Que seus olhos não vejam nada.
Que seus ouvidos não ouçam nada.

ECO-REBEL

Que sua boca não diga nada.
Que seu pé seja curto.
Que sua mão seja curta.
Seja surdo, mudo e cego.
Lembre-se, submeta-se à Sua vontade.
É assim que você terá a ‘Baraka’, será seu caminho reto para o paraíso.

Dessa forma, todo mundo deve tomar cuidado com o que ouve, fala e vê. Fofocar ou falar mal dos outros é um ‘hakh’ (pecado), pronunciado em wolof ‘hakh’ e mandinga ‘hako’, portanto, é tão abominável quanto comer a carne podre de seu próprio irmão morto.

No tocante à palavra ‘Dunya’, encontrada nas formas ‘dunia’ (fula), ‘aduna’ (wolof) e ‘duunia’ (mandinga), significa a vida deste mundo (terrena) e tudo que há nela, em oposição à ‘âkhira’, a derradeira vida, isto é, a vida após a morte. Os muçulmanos são encorajados a pensar além do “dunya” e lembram-se de que a vida é apenas um teste para determinar a sua posição na próxima vida, vida após a morte, o lar permanente.

Na vida, ouvimos duas coisas antagônicas, o permitido (halal) e o proibido (harâm. Por exemplo, é ‘halal’, a relação sexual dentro das leis islâmicas (no casamento) e ‘harâm’, fora do casamento. Da mesma forma, comer carne de carneiro morto com a invocação de Allah é ‘halal’, ao passo que comer carne suína ou qualquer alimento adquirido de forma ilícita, enganosa ou roubada, é ‘harâm. Para a expressão ‘Subhan Allâh’ ou ‘Subanallâh’ com o sentido de ‘Glória a Deus’, ela é usada em uma variedade de situações para indicar surpresa ou admiração em ambas as situações, muito boas e muito ruins. Por exemplo, recomenda-se falar ‘Subhan Allâh’ depois de um trovão ou depois de alguém proferir um palavrão.

Já ‘Al-Imaam’, encontrado em fula como ‘Almaame’, em wolof como ‘Elimaan’ e em mandinga como ‘Aalmamo, significa literalmente aquele que fica na frente. Nas mesquitas, significa a pessoa que dirige a reza. Para os xiitas, é o sucessor de Maomé, o guia espiritual da comunidade. No Senegal, muitas pessoas são chamadas ‘Almamy’, ‘Elimane’ em homenagem a uma pessoa que desempenha o papel de ‘Al’Imaam.

Essas palavras árabes, que abundam nas línguas dos muçulmanos senegaleses, atestam seu pertencimento à religião muçulmana. Em outras palavras, ao usar o léxico da língua árabe, o falante mostra sua identificação com o islã. A minoria católica e demais religiões monirritárias recorrem muito pouco a essas palavras e expressões, pelo fato de não fazer parte de seu repertório lexical na prática religiosa.

6. Considerações finais

Através do contato de línguas, povos diferentes coexistem com suas respectivas línguas por meio das quais os falantes se identificam para expressar, às vezes consciente, às vezes inconscientemente, não só significados idênticos, mas também sua própria identidade, a natureza dos laços sociais, o tipo de interação. Os contatos de línguas sempre foram um motor para a evolução das línguas. Um dos seus principais resultados é o empréstimo linguístico. Este é um fato coletivo e ocorre em toda a comunidade linguística. Ele é uma das principais estratégias de resistências das línguas dominadas, ou seja, uma forma de as línguas periféricas resistir às línguas centrais, às supercentrais, às supercentrais e à hipercentral, no caso, o inglês.

A maioria das pessoas vive em um ambiente bilíngue ou multilíngue e deve adaptar o seu comportamento linguístico a essa situação, recorrendo ao léxico de outras línguas, o árabe, no caso. A abordagem ecológica examina o processo de transformação, sustentabilidade ou adaptação das línguas e como elas variam. A língua é um instrumento de adaptação, mas é também um instrumento adaptável, isto é, ela se adapta ambientalmente. Cada indivíduo está constantemente, em toda a sua vida, se fazendo a seguinte pergunta: qual língua é útil para me adaptar? Isso mostra como o indivíduo se identifica com a língua. A própria comunicação entre um emissor e um receptor é uma adaptação (COUTO, 2007).

A situação de inovações lexicais nas línguas de muçulmanos não árabes, sob a influência do islã, é ainda mais complexa do que se imagina. Muitas línguas se espalharam pelo mundo inteiro e entraram em contato com o universo árabe em vários pontos da expansão do islã. Esse fenômeno se intensifica com o crescente fluxo de arabização que se desenvolve na maioria dos países muçulmanos não árabes, sob a pressão de ler e entender o alcorão. Como resultado do contato de línguas, devido à expansão do islã na África subsaariana, o Senegal vive uma invasão de palavras árabes nas interações dos falantes, sejam eles jovens, idosos, escolarizados ou não, urbanos ou rurais. Esses elementos lexicais do árabe são frequentemente utilizados pelos falantes das línguas locais em suas interações cotidianas. Por isso, eles são parte do fundo lexical dessas línguas senegalesas.

O Senegal é um país multilíngue onde dominam duas línguas: francês, língua oficial (supercentral) e wolof, língua franca (central) falada em todo território nacional. Essas duas línguas, assim como as demais línguas locais consideradas periféricas, coexistem em todo o território nacional. Elas sofrem invasões do léxico árabe, o que resulta no fenômeno de empréstimos.

Os empréstimos mais frequentes nas interações de senegaleses se concentram geralmente na

ECO-REBEL

religião, nas regras, nos ritos. Às vezes, o termo emprestado do árabe sofre transformações profundas na forma, mantendo seu sentido etimológico. Geralmente, as palavras mais usuais nas rezas, tais como “Allahu Akbar”, ‘Bismillah ar-Rahmân ar-Rahîm’, sofrem menos variações.

Acredita-se que a razão para essa diferença no comportamento das inovações lexicais emprestadas do árabe provavelmente resida no fato de que os termos estão constantemente presentes em documentos escritos, nas práticas religiosas diárias e constantemente submetidos à melodia dos aprendizes. Elas são corrigidas continuamente em suas diferenças fonéticas e semânticas.

Esse fenômeno de influência da língua árabe, que deu origem a inovações lexicais, levou, em muitos casos, a esquecer vocábulos equivalentes em línguas senegalesas. A adoção de palavras árabes é tão antiga que, em alguns casos, o leigo não é capaz de suspeitar de sua origem estrangeira, como é o caso dos dias da semana e das palavras ‘daara’ (escola corânica), ‘taalibé’ (aluno) e ‘ustaas’ (professor).

Referências

ALCORÃO. Traduzido por Dr. Helni NASR. Professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, Brasil.

BUGUL, Ken. *Riwan ou le chemin de sable*. Présence Africaine. Paris, Dakar, 1999.

CALVET, Louis-Jean. *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Paris: Payot, 1987.

_____. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

_____. *Contato interlinguístico: da interação à gramática*. Brasília: UnB. 1999.
<http://www.ecoling.unb.br/publicacoes/livros> (acesso: 01/09/2016).

_____. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____ et al. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

EL FASI, Mohammed; HRBEK, Ivan. *História geral da África III: África do século VII ao XI*. Brasília: UNESCO, 2010.

HAUGEN, Einar. *The Ecology of Language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

ECO-REBEL

LOUBIER, Christiane. *De l'usage de l'emprunt linguistique*. Québec: Office Québécois de la Langue Française, 2011.

Enviado: 05/10/2016.

Aceito: 07/01/2017.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 1, 2017.